

DEMOCRACIA E DIREITOS HUMANOS

BOLSONARISMO EM CRISE?

Camila Rocha e Esther Solano
Junho de 2020



A dicotomia bolsonarista saúde/economia venceu em termos retóricos. As pessoas gostariam de manter o isolamento, mas pensam que este é inviável para o pobre.



Os "bolsonaristas" arrependidos apontam para a irresponsabilidade do Presidente com a população na pandemia e a conduta perante seus filhos, considerados corruptos.



Os ex-votantes, desiludidos e frustrados, dizem que poderiam votar em Bolsonaro de novo em 2022, pois não enxergam nenhuma alternativa política ou eleitoral.

Índice

	INTRODUÇÃO	2
1.	METODOLOGIA	4
1.1	Técnica de pesquisa	4
1.2	Questionário semiestruturado	4
2.	TEMAS ABORDADOS	5
2.1	Percepções do cenário político (até 18 de maio de 2020)	5
2.2	Pandemia de COVID-19	9
2.3	Informação	11
2.4	Bolsonaro vs. governadores/prefeitos	12
2.5	A saída de Sérgio Moro do governo federal	13
2.6	Renúncia ou impeachment de Jair Bolsonaro	14
2.7	Próximas eleições	15
	CONCLUSÕES	17
	Tabela: Perfil dos entrevistados	18

INTRODUÇÃO

Não há dúvidas de que o governo do capitão reformado Jair Bolsonaro experimenta, hoje, seu momento mais crítico desde a sua posse, em janeiro de 2019. Na última pesquisa XP/Ipespe, divulgada no dia 20 de maio, o percentual de brasileiros que considera a gestão de Bolsonaro ruim/péssima é de 50%¹ e, no dia 21, foi protocolado um novo pedido de impeachment assinado por mais de 500 organizações da sociedade civil e partidos de oposição. Para justificar o afastamento do presidente, são elencados como crimes de responsabilidade sua participação em manifestações antedemocráticas, as suspeitas de interferência política na Polícia Federal, e sua polêmica política de combate à pandemia de COVID-19.

A despeito disso, a mesma pesquisa realizada pela XP/Ipespe atesta que 27% da população continua a avaliar a gestão de Bolsonaro como ótima/boa e, segundo pesquisa da CNT – Confederação Nacional do Transporte, divulgada no dia 12 de maio, o percentual de pessoas que avalia a gestão do militar como “ótima” subiu cerca de 5% desde janeiro. Nesse sentido, seria possível falar que o bolsonarismo, isto é, o apoio à figura de Jair Bolsonaro baseado em um discurso antissistema de caráter populista, estaria em crise?

Com intuito de avançar uma compreensão mais aprofundada sobre o momento atual do bolsonarismo, uma pesquisa de caráter qualitativo, composta por entrevistas em profundidade com eleitores de Jair Bolsonaro de renda média (faixas C e D de rendimentos) e que residem na Região Metropolitana de São Paulo, foi levada a cabo entre os dias 9 e 18 de maio de 2020. O objetivo da pesquisa foi o de mapear quais são as principais narrativas relacionadas às diferentes avaliações do presidente, sendo perguntado no momento da seleção dos entrevistados: “Você acha que Jair Bolsonaro deve deixar de ser presidente do Brasil?” e, com base nas opções de resposta oferecidas, “sim”, “não” e “não sei”, foram recrutadas aproximadamente 9 pessoas considerando cada uma das três opções.

Foram selecionadas, portanto, 27 pessoas, sendo 12 homens e 15 mulheres, de confissões religiosas diversas (um-

bandistas, espíritas, católicos, evangélicos, um judeu e um ateu), sendo que 18 se declararam brancas. Os entrevistados possuíam renda familiar que variava de 600 a 5.000 reais mensais (média simples de 3.160 reais) e renda per capita de 600 a 3.000 reais mensais (média simples de 1.740 reais). Em sua maioria, os entrevistados pertencem à faixa C de rendimentos, a qual, segundo a FGV Social, em 2018, correspondia a 55,3% da população, ou 115,3 milhões de brasileiros, enquanto a faixa D/E, renda per capita mensal de até 1.892 reais, correspondia no mesmo ano a 30% ou 63 milhões de pessoas e a faixa A/B, que abrange pessoas com renda per capita mensal acima de 8.159 reais, a 14,3%, cerca de 30 milhões de pessoas².

Suas áreas de atuação se concentravam sobretudo no setor de serviços e comércio. Assim, entre as profissões declaradas, havia: vigilante, atendente de gráfica, tatuador, atendente de emergência da Polícia Militar, cuidadora de idosos, manicure, esteticista, promotor de vendas, promotor de eventos, auxiliar administrativo, assistente de vendas, assistente financeiro, fonoaudióloga, monitor de recreação, securitária, suporte técnico, autônomo, professora, caminhoneiro e empresário. No que diz respeito aos seus locais de moradia, é possível apontar bairros da Capital como Mooca, Bairro do Limão, Freguesia do Ó, Itaim Paulista, Taquapé, Tucuruvi, Jardim Tremembé, Jaçanã, entre outros, bem como cidades da Região Metropolitana de São Paulo como São Caetano. Nenhum participante era filiado ou participava de qualquer grupo ou organização de caráter político-partidário.

Após o encerramento da pesquisa, os entrevistados puderam ser divididos em três grupos diferentes, considerando suas opiniões acerca de Jair Bolsonaro: 1) os fiéis, aqueles que mantêm um apoio constante ao presidente; 2) os apoiadores críticos; e 3) os arrependidos, que se decepcionaram com o presidente e desejam que este abandone o cargo. Dessa forma, o presente relatório será estruturado tendo estas categorias em vista, para apontar como vêm se estruturando determinadas narrativas acerca de temáticas exploradas a partir do cenário político e social atual.

1 <https://www.infomoney.com.br/politica/reprovacao-ao-governo-bolsonaro-vai-a-50-aponta-xp-ipespe-57-veem-economia-no-caminho-errado/>

2 <https://valor.globo.com/brasil/noticia/2019/10/29/classes-a-e-b-voltam-a-crescer-e-atingem-144-da-populacao.ghtml>

Antes de prosseguir com a análise, no entanto, será discutida de forma breve a metodologia utilizada na pesquisa e exposto o questionário semiestruturado que foi utilizado. Posteriormente, serão abordadas as percepções e narrativas dos entrevistados considerando os seguintes temas: 1. Percepções sobre o cenário político atual; 2. Pandemia de COVID-19; 3. Informação; 4. Saída do Ministro Sérgio Moro do governo federal; 5. Bolsonaro vs. governadores/prefeitos; 6. Renúncia ou impeachment de Jair Bolsonaro; 7. Próximas eleições.

1

METODOLOGIA

A metodologia adotada na condução desta pesquisa é de tipo qualitativo. Ao contrário dos estudos de opinião pública conhecidos como *surveys*, pesquisas quantitativas baseadas em questionários fechados em que os entrevistados podem apenas responder às perguntas de forma positiva ou negativa e/ou concordar ou discordar com frases elaboradas previamente, a abordagem qualitativa permite compreender de modo mais aprofundado valores, opiniões e sentimentos das pessoas entrevistadas, os quais costumam apresentar muitas nuances, incoerências, contradições e complexidades que não são redutíveis a escalas ou tipologias simplificadas.

A pesquisa qualitativa pode se utilizar de uma ou mais técnicas de pesquisa, como grupos focais, entrevistas em profundidade e etnografia. O que existe em comum em todas estas técnicas é o estabelecimento de laços de confiança e empatia entre os entrevistadores e os sujeitos e, por esse motivo, as pesquisas qualitativas normalmente são realizadas com um número menor de pessoas e levam mais tempo para serem produzidas em comparação com *surveys*. Porém, a grande vantagem da pesquisa qualitativa, no que tange à análise dos dados coletados, é que ela facilita raciocínios de tipo indutivo. Em análises indutivas, as premissas que orientam a elaboração da pesquisa proporcionam apenas uma fundamentação parcial das conclusões, em contraposição a raciocínios dedutivos, utilizados para a confecção e análise de pesquisas quantitativas, em que as premissas fornecem um fundamento definitivo das conclusões.

1.1 TÉCNICA DE PESQUISA

A técnica de pesquisa adotada na presente pesquisa é o *minigrupo focal*, que é uma técnica diferente do grupo focal tradicionalmente utilizado em pesquisas de mercado e eleitorais. O grupo focal é uma discussão realizada em um ambiente neutro e controlado, sobre um tema ou tópicos específicos, conduzida por um entrevistador com um grupo de aproximadamente 10 pessoas, que não se conhecem previamente. Já o minigrupo etnográfico é uma discussão realizada em grupos de três pessoas, que se conhecem previamente, chamados de tríades e que são formados apenas por homens ou mulheres.

A ideia do minigrupo focal é aumentar a empatia entre o entrevistador e os entrevistados e diminuir possíveis tensões entre os entrevistados em si, dado que os grupos são pequenos, homogêneos no que tange ao sexo dos participantes e os entrevistados se conhecem previamente. As entrevistas são baseadas em um roteiro semiestruturado de tópicos ou perguntas e costumam ser realizadas na residência de um dos entrevistados. Considerando, no entanto, a recomendação de isolamento social vigente no Estado de São Paulo por conta da pandemia de COVID-19, a dinâmica desta pesquisa ocorreu mediante a utilização de duas plataformas digitais gratuitas e de fácil manuseio para reuniões que possibilitam ligações com áudio e vídeo por meio de computador ou celular, o *Google Meet* e o *Jitsi Meet*. Todas as entrevistas foram gravadas em áudio, sendo algumas gravadas em vídeo, e sua duração variou de uma hora e quarenta minutos a três horas e meia.

1.2 QUESTIONÁRIO SEMIESTRUTURADO

O questionário semiestruturado utilizado na realização das entrevistas abordou as seguintes questões: 1. Situação laboral e familiar antes e depois da adoção de medidas de isolamento no Estado; 2. Percepções acerca do cenário social e político atual tendo em vista a situação de instabilidade; 3. Formas de informação (televisão, internet, desinformação, confiança) e opinião sobre conteúdos que circulam nas redes (“vírus foi produzido na China”, “ameaça chinesa”); 4. Percepções sobre a pandemia de COVID-19 (“é só uma gripezinha”, medo de ser infectado e morrer, medo de perder o emprego, cloroquina, economia, gestão de Dória em São Paulo, isolamento vertical, gestão de Bolsonaro, protestos pelo fechamento do Congresso e postura de Bolsonaro, saída dos Ministros de Saúde Luiz Henrique Mandetta e Nelson Teich, auxílio de 600 reais, papel do SUS, privatização da saúde); 6. Saída de Moro e a questão da corrupção; 7. Impeachment ou renúncia de Bolsonaro e próximas eleições.

2

TEMAS ABORDADOS

2.1 PERCEPÇÕES DO CENÁRIO POLÍTICO (ATÉ 18 DE MAIO DE 2020)

Nenhum dos entrevistados tem dúvidas de que o Brasil passa, atualmente, por um cenário de instabilidade política aguda em meio ao qual Bolsonaro vem encontrando muitas dificuldades em governar. No entanto, procuram explicar a situação conferindo ênfase a determinados argumentos, entre os quais é possível destacar três principais: os boicotes da mídia e do congresso, a atuação política de seus filhos e a falta de decoro do presidente.

Para os apoiadores fiéis de Bolsonaro, sua dificuldade em governar é atribuída sobretudo ao que percebem como boicotes da mídia e do Congresso ao governo federal. Em sua visão, o Brasil estaria trilhando “um bom caminho” em comparação com os governos anteriores e Bolsonaro, genuinamente, quer fazer uma boa gestão, mas a afirmação de que “não deixam o homem trabalhar” é frequente. O presidente seria perseguido e obstaculizado continuamente, o que faria com que consumisse todo seu tempo se defendendo. Tal situação teria se agravado ainda mais com a chegada da pandemia, pois, segundo sua percepção, justamente quando o país estaria entrando nos trilhos, a pandemia teria paralisado todas as mudanças que vinham ocorrendo, sem permitir que suas consequências positivas se tornassem evidentes, de modo que seria injusto julgar a gestão de Bolsonaro passado tão pouco tempo desde seu início:

Você só pode julgar um presidente a partir do momento que acabou o mandato dele. Você não pode fazer o julgamento de uma pessoa que está começando um trabalho. Daqui quatro anos a gente vai falar “ele foi bom” ou “ele foi ruim”, mas ninguém quer deixar ele trabalhar. Você vê que toda hora é uma coisinha, toda hora uma coisinha, uma coisinha... Ele não é o presidente de quem votou nele, ele é o presidente de um país. Então acho que todo mundo tinha que dar um crédito para ele. Se não for bom, não vota nele na próxima eleição. É assim, é fácil. (Homem, 56, bolsonarista fiel)

Deixa o homem trabalhar. Do que a gente tá vindo a trocentos anos, pra mim tá bom. Não tem muito o que fazer, o que mudar em pouco tempo, não é 50 anos em 5. (Homem, 32, bolsonarista fiel)

Acho que nesse tempo que ele está no cargo não deu tempo ainda de pôr as propostas dele. Acho que a economia estava vindo bem. Os cargos foram técnicos, ele tem propostas boas e estava no caminho certo. Infelizmente, acho que essa pandemia veio e atrasou não só o Brasil como vários outros países do mundo. (Homem, 27, bolsonarista fiel)

Para os apoiadores críticos, Bolsonaro não está fazendo um governo como era esperado, porém, a desculpa recorrente é a de que ele é honesto, autêntico, sincero e está sendo bloqueado continuamente:

Colocamos o Bolsonaro porque ele é linha dura, bate de frente, só que ninguém nunca passou por uma pandemia dessa. O cara chegou numa posição de poder, ele tem que saber como lidar? Não! O cara tá tentando e não deixam ele governar também. (Homem, 31, apoiador crítico)

Finalmente, entre os que apoiam a saída do presidente do poder, a ideia de que Bolsonaro vem sendo boicotado perde força, pois argumentam que ele teria perdido o foco de questões vistas como mais essenciais:

Eu cheguei a acreditar que ia melhorar mais na segurança, na educação, mas acho que ele deixou de realizar muitas coisas que ele propôs, parece que ele está priorizando outros assuntos, qualquer pessoa que conteste o governo dele, ele arruma um jeito de remover. (Mulher, 26, arrependida)

Ele precisa parar de ser vítima do PT, da Globo... A mídia pegava no pé do PT, do PSDB, todos, então têm que parar de mimimi e fazer um governo como nós imaginássemos que seria, infelizmente eu estou muito arrependido desse atual governo. (Homem, 41, arrependido)

A mídia tá aí pra fuçar naquela gavetinha mais obscura do que você fez no seu passado, então ele devia largar as picuinhas pra trás e botar o país no eixo. (Homem, 45, arrependido)

Uma percepção comum aos três grupos de eleitores entrevistados, fiéis, críticos e arrependidos, é a de que os filhos

do presidente, que possuem cargos políticos, são uma fonte constante de instabilidade. Todos os entrevistados consideram que as atividades dos filhos atrapalham o governo do pai, sendo qualificados, nas palavras de vários entrevistados, como “moleques”, “despreparados” e sobre os quais pairam suspeitas de envolvimento em atividades ilegais. Nesse sentido, frases como “não boto a mão no fogo por eles” e “aí tem coisa” são frequentes. Dessa forma, o afastamento dos filhos do governo do pai é desejado por todos:

Os filhos dele, às vezes, falam demais também, na rede social e essas coisas. Mas é muita perseguição contra eles também. O Flávio Bolsonaro envolvido com a rachadinha e o pessoal fala que ele trocou a PF para não investigar o filho dele, só que todo mundo sabe que não é a PF que investiga ele e sim o Ministério Público do Rio de Janeiro. Na Polícia Federal, não tem nenhuma denúncia contra ele, no caso. Mas acho que ele fala demais na rede social. Tem ainda o negócio das fake news, que o Carlos fica postando muita fake news nas redes sociais. Tem bastante coisa lá, mas está investigando ainda. Eu só acho que eles falam um pouco demais e isso acaba atrapalhando o governo do presidente, do pai deles. Eles deveriam falar menos, se envolver menos no governo do pai para não atrapalhar. (Homem, 36, bolsonarista fiel)

Os possíveis crimes praticados pelos filhos, porém, não atingem a imagem de Bolsonaro. O entendimento predominante é o de que, ainda que os filhos possam ser corruptos, Bolsonaro seria honesto e, por isso, os filhos teriam que se responsabilizar sozinhos por eventuais atividades ilegais, sem comprometer o pai:

Hoje ele vive pra salvar a pele dos filhos. É rachadinha de um, o outro só posta besteira na internet. Graças a Deus naquela época eu não tinha redes sociais pra ver cada absurdo que o cara fala. Eu acho que se ele deixar os filhos que são bem grandinhos, se responsabilizarem pelas suas atitudes, e ver no povo brasileiro, como o povo brasileiro viu nele uma esperança, o Brasil vai pra frente. Se fosse só o Bolsonaro como presidente, não teria problema algum, nenhum. O problema é o que ele trouxe junto, são os filhos que têm problema. E pra defender os filhos, ele está estragando todo o plano de governo dele. Eu falo direto pros meus filhos: cara, se você errar, você vai pagar sozinho. (Homem, 45, apoiador crítico)

O próprio Bolsonaro já falou que se o filho dele for pego, o cara tem que cumprir a pena. Agora, se ele realmente quiser impedir a investigação é um tiro no pé que ele tá dando, e eu acho que ele tem assessor o suficiente pra não deixar ele fazer isso. (Homem, 34, apoiador crítico)

São minoritários aqueles que acreditam que é compreensível que Bolsonaro esteja agindo de forma paternal ao querer proteger os filhos:

Os filhos eu não boto fé, tem cara de mau caráter. Só querem cargo, fazer mesmo não querem fazer, querem pegar dinheiro fácil. O caráter deles é duvidoso, mas eu também entendo, pai é pai... todo pai vai querer ajudar o filho, (Mulher, 45, bolsonarista fiel)

A maioria das pessoas considera que deveria haver uma separação entre a figura de pai e a de presidente, prevalecendo seu papel público:

Eu sou contra qualquer tipo de família dentro da política. Acho que uma coisa é família, outra é política. Se você pôr filho, pai, tio, sobrinho, acho que vira bagunça. Eles procuram problema e aí o problema vem pra cima deles. Onde há fumaça, há fogo. Eu estou do lado dele ainda, mas acho que tem algum carço nesse angu. (Homem, 27, bolsonarista fiel)

Eu estou muito decepcionada. Ele só parece preocupado com sua família e o Brasil? Antes de pai, ele é presidente da República. O lema dele deveria ser “Brasil acima de tudo, minha família acima de todos!” (Mulher, 52, arrependida)

Porque ele não está ali pra defender filho, ele está ali pra defender uma nação e o comportamento dele não está sendo o de defender uma nação. Quando ele assume um cargo de presidente, ele não tem mais quatro filhos e uma esposa, ele tem uma nação, nós somos a família dele. (Homem, 45, arrependido)

O lema dele deveria ser “Brasil acima de todos e família acima de tudo”. (Mulher, 27, arrependida)

Você assumiu o cargo, então tenha pulso firme e para de querer passar a mão na cabeça dos seus filhos, quem não deve não teme. Eu achava que no governo dele não ia ter tanta corrupção, e os filhos dele são corruptos sim. (Homem, 41, arrependido)

Finalmente, outra fonte política de instabilidade bastante citada pelos entrevistados é a própria postura do presidente, tida como “rude” e “bruta” e sua falta de decoro. Para os bolsonaristas fiéis, sua forma de se dirigir ao público seria positiva, porque significaria que Bolsonaro é autêntico e não se deixaria levar pelo marketing e pela falsidade associados aos meios políticos tradicionais. A violência retórica é reinterpretada como autenticidade, que seria um dos valores mais desejáveis em um entorno político tido como corrupto e mentiroso:

O Bolsonaro é muito a cara do tio brasileiro, que vai numa reunião de família e expressa a opinião dele, vai falar palavrão, vai mandar tomar no cu, vai mandar calar a boca, e o Brasil estava precisando de um cara assim! Que vai falar: foda-se, eu sou o presidente disso aqui e vai ser do meu jeito porque esse bando de merda que veio atrás aí, Lula, condenado na 2ª instância, é ídolo de um monte de gente! Então, pô, deixa o cara governar, deixa o cara falar palavrão! Ele é um fanfarrão, é sim,

mas esse monte de gente que veio antes, que falou bonitinho, que falou certinho não fez porra nenhuma, só roubou! (Homem, 32, bolsonarista fiel)

É que ele é o dono da bola, sabe? Meninão, mas é o jeito dele, ele não faz por mal, quer o melhor para o país, o importante é que ele é sincero. (Mulher, 45, bolsonarista fiel)

Entre os apoiadores críticos, seu estilo divide. Para alguns, o estilo violento seria inadequado para o cargo que ocupa, criaria instabilidade e seria indesejável, mas, ainda assim, seria melhor do que a polidez de um político tradicional que seja corrupto e desonesto:

Eu votei nele por um dos motivos que hoje eu ainda concordo com ele. Eu achei ele verdadeiro, por mais que ele podia falar algumas coisas fortes, algumas coisas erradas, eu achei que ele não se fazia de uma pessoa que ele não era, que era o que eu via em outros candidatos. O primeiro turno foi isso e o segundo turno foi para tirar o PT, porque eu não concordava como estava antes. (Mulher, 30, apoiadora crítica)

Algumas coisas eu vejo o Bolsonaro próximo, outras não. Ele é verdadeiro e ele, às vezes, não tem papas na língua. Ele não tem que fazer pose. Eu acho que isso é um valor importante, mesmo que doa que a verdade seja colocada. (Mulher, 30, arrependida)

Já para outros apoiadores críticos, assim como para aqueles que se arrependeram de ter votado no militar, a postura de Bolsonaro seria extremamente negativa e incompatível com a presidência:

Pra mim ele é um fanfarrão, se eu pudesse dar com a mão na cara dele eu dava. Acho que um cara que tá na posição dele não pode ser tão boçal desse jeito. (Homem, 45, apoiador crítico)

Eu acho que ele tem um pouquinho de culpa de tudo esse caos, sim, tem muita coisa que poderia ser evitada, ele gosta de causar polêmica, bater de frente, mas ele tem que pensar, porque não é mais ele, é uma nação. (Mulher, 59, apoiadora crítica)

Ele tem que ter uma postura mais correta. O Jair deveria querer parar um pouco de querer lacrar nas redes sociais, e querer... eu tinha o Jair Bolsonaro como uma salvação. Eu estava muito confiante no Jair e infelizmente eu estou muito decepcionado. Acho que ele deveria parar de falar um pouco, é o bonequinho fala bosta da Estrela. Parar de falar besteira, pensa um pouco, ele é o presidente do país. Ele tem que entender que tudo o que ele fala, a mídia vai ficar em cima dele. (Homem, 41, arrependido)

Inclusive, a postura de Bolsonaro frente à pandemia de COVID-19 foi bastante criticada em geral, mas sobretudo pelos mais críticos e pelos arrependidos, que se chocaram com a

insensibilidade, o “deboche” e a falta de empatia de Bolsonaro com os infectados e mortos pela doença. Bolsonaro teria, nesse sentido, ultrapassado o limite do aceitável na medida em que passou a expressar o que, na percepção dos entrevistados, foi considerado como falta de ética, de caráter, de compaixão e de humanidade:

Quando o Bolsonaro falou do COVID que é uma gripezinha, ele fez isso em rede nacional. Isso não é uma gripezinha, é uma coisa muito séria. “Ah, mas tem pessoas que morrem de fome, tem isso, tem aquilo”, tudo bem, mas ele não pode falar dessa forma. Ele tem que ter uma postura mais correta. Um repórter perguntou das vítimas e ele falou “e daí?”, isso é complicado, ele falou assim porque não foi com um familiar dele né? Eles vão ser tratados em hospital top, nós não”. (Homem, 41, arrependido)

O que eu não gosto da parte dele é a forma como ele reage para a população nas entrevistas. Para mim ele não está sendo humano nessas questões. Ele sempre fala de uma forma egoísta, para ele sempre é mais importante a economia e não o lado humano. (Mulher, 25, arrependida)

Uma doença que tá afetando o mundo inteiro o cara fala pra mim que é uma gripezinha? Se fosse gripezinha já tinha todo mundo sarado, não tinha? (Homem, 46, arrependido)

Ele debocha dos mortos, ri dos mortos! Nunca pensei que veria isso! (Mulher, 26, arrependida)

Assim como as possíveis causas para a atual instabilidade política dividiram os entrevistados, suas consequências mais visíveis e imediatas, como a saída dos ministros do governo (a saída de Moro será tratada com maiores detalhes em item à parte), as negociações promovidas por Bolsonaro com os deputados do “Centrão”, e as manifestações pelo fechamento do congresso também foram percebidas de formas diversas. Aqueles que não veem problema na demissão dos ministros argumentam que Bolsonaro é o presidente e que, portanto, deve ficar perto de pessoas de confiança e ter o poder para trocar quem quiser, caso julgue necessário:

Eu acho que deveriam ter saído bem antes. Eu penso assim, você é o chefe da sua casa, então você tem que saber tudo o que passa na sua casa. Você é o presidente da sua empresa e você tem que saber tudo o que se passa na sua empresa. A partir do momento que estão negando informação para você, alguma coisa de errado tem. Então, antes que aconteça algo pior que comprometa o presidente, se troca. Então, se foi trocado, é porque alguém foi vendido. Quem é o chefe supremo da nação? Vamos voltar ao nosso ex-presidente, que falou que não sabia de nada. Então quem é o chefe tem que estar sabendo de tudo. Você tem que se rodear de pessoas boas, mas você tem que ter informação. (Homem, 56, bolsonarista fiel)

Eu não acho que o Paulo Guedes não é insubstituível, acho que tudo a gente tem que digerir, como aconteceu com o Moro, com o Mandetta, pra ver o que vai acontecer. Às vezes pode ser que tem alguém aí à espera de um cargo que pode ser muito melhor que ele e que saiba as brechas pra fazer a coisa funcionar, porque não está funcionando. (Homem, 35, bolsonarista fiel)

Eu acho que tão fazendo muito alarde pra troca de ministros, acho que não precisava de tudo isso, porque todos os governos teve isso. Acho justo o capitão do navio nomear os caras, simples assim, não vai de acordo com o que o cara pensa? Tira, sai, acabou, coloca outro. Não foi diferente nos outros governos, por que vai pegar no pé do cara agora? Pessoal tá mistificando muito. (Homem, 34, apoiador crítico)

Já os que criticaram as trocas ministeriais dizem que Bolsonaro seria intransigente demais e afirmam que sua reputação teria ficado comprometida com a saída dos ministros:

Eu acho que o Bolsonaro já perdeu muito crédito com a saída do Mandetta e do Sérgio Moro, se sair o Paulo Guedes aí ferrou. Porque o Paulo Guedes é um cara muito inteligente, ele tá tentando fazer alguma coisa, tá virando um Big Brother, que é o próximo eliminado? Uma empresa que troca toda a hora o funcionário não presta, e o Bolsonaro é o dono da empresa, e ele tá perdido se sair o Paulo Guedes. (Homem, 41, arrependido)

O que eu vejo é que os ministros que saíram, existe uma coisa meio de criança: “olha, se você não vai fazer o que eu quero, então tchau”. (Homem, 35, apoiador crítico)

Ele é um intransigente. Os dois ministros da saúde saíram porque eles são médicos e não concordavam com as coisas que Bolsonaro fala. Aí, ele, que tem esse jeito militar, não sabe lidar com as críticas e infernizou a vida deles até eles saírem. (Mulher, 52, arrependida)

Sobre as negociações de verba e cargos com o Centrão, as opiniões também divergem. Alguns apoiadores mais fiéis de Bolsonaro, por um lado, veem com desconfiança que Bolsonaro faça tal negociação e, por outro, procuram minimizar sua importância. Já aqueles que criticam a aproximação com o Centrão dizem que isso significaria uma traição aos princípios de honestidade e luta contra a corrupção que conduziram Bolsonaro ao Planalto, em 2019, e afirmam que insistir em tal aproximação seria “um tiro no pé”:

Todos têm que negociar e se aproximar de quem pensam diferente porque não tem como governar sozinho. (Mulher, 45, bolsonarista fiel)

Se ele realmente fizer isso é o início do fim dele, porque de fato ele tá dando um tiro no pé. (Homem, 35, bolsonarista fiel)

Eu acho que ele se perdeu totalmente, fugiu completamente aos seus princípios, ele viu que tava perdendo uma batalha, mas não é a luta, já que eu não posso com ele vou me juntar a eles, é o que eu penso. (Homem, 45, apoiador crítico)

Traiu todos os princípios que falava nas eleições. Não era contra o “toma lá, dá cá?” E agora? (Mulher, 26, arrependida)

Eu achava que ele não fosse vender uma parte do governo pro centrão, e um dos que tá lá agora é o Roberto Jefferson, que é tão canalha quanto o nosso querido Lula. Ele sempre falou que era contra o centrão e tá ficando amiguinho dos caras, nosso querido prefeito Kassab, são todos envolvidos na Lava Jato, está começando a se auto corromper, o Lula começou assim também. Não estou falando que ele vai ser um Lula, mas ele... não coloco minha mão no fogo, coloquei no começo, acho que ele está indo pelo caminho errado. (Homem, 41, arrependido)

Finalmente, quando questionados sobre um possível fechamento do Congresso, existem aqueles que se dizem contrários porque isso significaria uma ditadura:

Não, não, ditadura nunca. Eu já acho ele um pouco ditador. Eu conheci gente que viveu na ditadura e não quero isso de volta, isso nunca, por isso me preocupo com tantos militares no governo. (Mulher, 59, apoiadora crítica)

Outros defendem a medida porque acreditam que o Congresso seria apenas um antro de corrupção que atrapalharia o governo do presidente e que, portanto, deveria ser alvo de uma “limpeza geral”. E, nesse sentido, é interessante observar que enquanto alguns falam abertamente da necessidade de uma intervenção militar, outros não estabelecem uma relação direta entre o fechamento do Congresso e o início de uma ditadura, mas sim com a possibilidade de que a política no país pudesse recomeçar “do zero”. Chama a atenção, inclusive, que mesmo aqueles que estão arrependidos de terem votado em Jair Bolsonaro gostariam que o Congresso fosse fechado, tamanha a insatisfação com seu desempenho:

Se toda a política fosse para o lado militar eu acho que o Brasil iria pra frente. Sou a favor de fechar o Congresso e o STF. Com o Bolsonaro no poder. (Homem, 36, bolsonarista fiel)

Eu sou a favor também do fechamento. Acho que pra mim não são os filhos que tão impedindo o Bolsonaro, pra mim é o Congresso mesmo, porque nada se aprova. (Homem, 35, bolsonarista fiel)

Eu também acho que deveria fechar sim, o cara não pode trabalhar, não se respeita o presidente, não tem como, tem coisa por trás. (Homem, 32, bolsonarista fiel)

Eu acho que não é ditadura. Fecha o Congresso, mas não é para sempre, aí arruma as coisas e depois volta,

mas tem que ter uma limpeza geral. (Mulher, 45, bolsonarista fiel)

Democracia é o direito de todos. Mas o problema é que o país está corrompido em todos os seus pilares. Então, é como se você tivesse uma casa velha. Você tem que derrubar, começar o alicerce de novo e fazer tudo de novo. Isso demora tempo. Se fizer isso logo, rápido, na próxima eleição está tudo normalizado e você entrega o país novamente para o povo e dá continuidade à vida. (Homem, 56, bolsonarista fiel)

Eu concordo com isso. Enquanto não tirar os caras vai continuar a mesma coisa. Quando um cara chega lá e tenta fazer mudança, ele vai ser barrado, então não vai ter governo. Pra mim o militarismo devia sim intervir, devia prender os caras e devolver o país pro Bolsonaro, aí ia estar bom. (Homem, 34, apoiador crítico)

Se os militares escolherem um cara idôneo, integro, tudo bem fechar, pra limpar nossas casas, dedetizar, tirar tudo o que tá arraigado e começar do zero. Mas fechar pra largar um que tá defendendo os filhos aí eu sou contra. (Homem, 45, arrependido)

Na minha opinião tem que ser fechado, o Jair tem todos os seus defeitos, mas é um cara que quer fazer algo e as pessoas impedem, e quem faz isso é o Congresso. Então deveria fechar, deveria fazer alguma coisa, porque do jeito que tá a situação vai piorar. (Homem, 41, arrependido)

2.2 PANDEMIA DE COVID-19

Contrariando a ideia de que apoiadores de Bolsonaro não estariam preocupados com a pandemia e minimizariam sua gravidade, a grande maioria dos entrevistados afirma estar com medo do vírus e adotar medidas de proteção constante como a utilização de luvas, máscaras e álcool gel, além de reforçar a higiene pessoal. O argumento de que não passaria de uma gripe comum é rejeitado por praticamente todos, exceto por um entrevistado:

Não conheço e não tenho medo. O cara que vai morrer é o cara que não tem higiene legal, que não cuida da casa dele legal. Se o cara tem uma higiene pessoal e dentro da casa dele, ele não precisa ter medo. Esse coronavírus nada mais é do que uma gripe, ela é fatal para seu pulmão, o seu rim e o seu fígado começam a parar, não tem jeito, mas o pessoal que é mais novo não tem esse problema, só se o cara tiver um problema de saúde mais sério. Mas fora isso, se você tem uma higiene legal, rapidinho está tranquilo. Agora só quero saber quem vai pagar as contas. (Homem, 56, bolsonarista fiel)

Quando a pandemia começou eu fiquei meio neurótico, me tranquei em casa, comecei a digerir o que tava acontecendo. Acredito que a coisa não vai passar tão cedo e não adianta a gente ficar em casa rezando por

que é complicado, a gente tem que enfrentar e tem que se precaver. No início se falava que o grupo de risco era mais idosos, mas a gente tem visto que tem muito jovem morrendo também, então, a gente não sabe. (Homem, 35, bolsonarista fiel)

Eu tenho crises de ansiedade, não durmo, estou om muito medo. (Mulher, 54, apoiadora crítica)

Sobre as medidas a serem tomadas para combater o vírus, o lockdown costuma aparecer como uma forma de combate que desperta contrariedade. Afirma-se que devia ter sido adotado logo no início da pandemia e que adotá-lo agora faria pouco sentido na visão dos entrevistados, pois conduziria o país apenas a uma situação mais caótica:

Foi decretado o lockdown numa cidade do Rio de Janeiro, uma cidade com 38 mortes. Como você para uma cidade inteira por 38 mortes? Sim, é ruim, é triste, mas, se você for comparar em relação a outras doenças ou até mesmo com a violência, esse número é muito pequeno e a cidade nunca parou. (Mulher, 32, bolsonarista fiel)

Teria que ter fechado tudo no começo, no começo todo mundo ainda não está entendendo, mas tinha que ter sido feito, hoje nós estamos gastando recursos que podiam ser gastos em 14 dias, fica 14 dias e acabou, acabou a pandemia, a gente está estendendo. (Homem, 32, bolsonarista fiel)

Hoje eu não concordo com o lockdown, porque já tinha que ter feito no começo. (Homem, 34, arrependido)

Eu estou preocupado que o nosso bellissimo governador queira fazer lockdown, daí eu não sei não, acho que vamos entrar em um colapso. (Homem, 41, arrependido)

A prorrogação indefinida do isolamento social é fonte de ansiedade e preocupação, desse modo, o isolamento vertical aparece para vários entrevistados como a forma preferencial de resolver o problema, principalmente visando minimizar o impacto econômico gerado pela pandemia:

Eu acredito que o isolamento teria que ser somente do grupo de risco e as demais pessoas pudessem manter suas atividades. 60% das pessoas que morreram elas estavam cumprindo a quarentena e elas mesmo assim foram contaminadas. O contágio é muito fácil, mas a letalidade do vírus não é tanta. Então as pessoas que têm o risco devem ser protegidas. (Mulher, 32, bolsonarista fiel)

Eu sou a favor do isolamento vertical, essa questão de querer isolar todo mundo é muito complicada porque você tem uma questão econômica por trás, como fica? Isola o grupo de risco e o resto vai trabalhar, põe máscara, higieniza as mãos, evita aglomeração, a gente já sabe o que fazer pra mitigar o risco, mesmo estando em

casa você pode contrair. A economia tem que funcionar. (Homem, 35, bolsonarista fiel)

Eu concordo com o isolamento vertical. Já estamos dois meses com essa questão do “fica em casa”. Ficar em casa é muito bom pro cara que mora em Alphaville, que tem uma boa poupança, uma boa herança, uma baita piscina, o Pão de Açúcar leva as comprinhas pra ele lá toda a semana, mas isso não é uma realidade nossa, nós temos que trabalhar. Acho que tem que ter sim o isolamento vertical, se cuidando, usando máscara, luva, eu acho pra questões de eventos não é legal fazer agora, mas tem outros trabalhos que podem ser feitos dessa forma. (Homem, 41, arrependido)

Já os mais indecisos não conseguem se posicionar frente ao que percebem como um dilema entre adotar medidas de isolamento e as consequências negativas para a economia: o isolamento é importante para preservar a vida, mas como deixar de trabalhar em um país em que a maioria das pessoas é pobre? Afinal, a maioria dos entrevistados vive entre dois medos: o da doença e o do desemprego/piora econômica:

Eu queria ficar em casa, mas não posso, as contas não param de chegar. (Mulher, 45, bolsonarista fiel)

Não tem como fazer a quarentena, mas tomo cuidados, lavar as mãos, tirar o sapato, álcool e gel, mas a gente não pode parar porque as contas não param e as dívidas não param, é casa e serviço. (Mulher, 59, apoiadora crítica)

Existe o bom senso de todos. Muita gente defende o ficar em casa, mas a gente esquece que o ficar em casa está fazendo com que as pessoas fiquem sem suprimentos em casa e sem economias também. Esse confinamento vai chegar no momento que as pessoas mais necessitadas vão começar a invadir as casas, os mercados, pra roubar, pra fazer o caos. E isso não pode acontecer. O que os governos estão fazendo, contra o Bolsonaro, vai acabar levando esse caos. (Homem, 35, apoiador crítico)

Tenho muito medo de ficar sem emprego. Muito. Como vou alimentar meus filhos? (Mulher, 23, apoiadora crítica)

Bolsonaro se preocupa muito com a parte financeira do país, mas do jeito que ele faz a situação vai piorar a pandemia, ele jamais poderia ter dito a coisa da gripezinha... deveria ter dado exemplo, porque vai atingir ao menos favorecidos. (Mulher, 52, arrependida)

É possível dizer que o aparente impasse entre preservar vidas e a economia ao mesmo tempo enquadra o debate atual acerca das medidas a serem tomadas para conter a pandemia de COVID-19. A dicotomia não resolvida entre economia/saúde marca todas as falas. É praticamente impossível para as pessoas entrevistadas avançarem para além de tal

enquadramento e apresentarem outras alternativas para lidar com a crise, permanecendo na proposição do isolamento vertical, do uso da cloroquina, medicamento cujo uso é defendido com ênfase por poucos entrevistados, e do recebimento do benefício de 600 reais durante três meses concedido pelo governo federal.

Praticamente todos os entrevistados defendem o benefício de 600 reais. Vários entrevistados se inscreveram para recebê-lo e alguns já o recebem, no entanto, o consideram insuficiente e se perguntam o que vai acontecer quando se encerrarem os três meses durante os quais o auxílio será pago. Além disso, as filas de solicitantes, que se formam às portas das agências da Caixa Econômica e que são retratadas pela imprensa, passam uma imagem de humilhação por parte da população, causando indignação e uma sensação de desamparo e abandono pelo poder público entre os entrevistados:

As pessoas estão conseguindo comida, pagar continha, mas a gente fica com pé atrás, ou eles vão cortar salário ou subir as contas, o governo vai conseguir esse retorno. É pouco, mas é uma benção para muitas famílias”. (Mulher, 27, Bolsonarista fiel)

O auxílio (de 600 reais) pra um pai de família miserável ajuda muito, é pouco, mas pra muitos vai ajudar bastante, acho que foi uma iniciativa legal do governo, embora o Brasil tenha condições de dar muito mais. (Homem, 41, arrependido)

Estou esperando e até agora nada, fico feliz, mas vejo filas imensas, é humilhante, mas ao mesmo tempo é bom. (Mulher, 52, arrependida)

Coerentes com a ideia de que a pandemia é um problema grave, parte significativa dos entrevistados, especialmente mulheres, condenou a participação de Bolsonaro nas manifestações realizadas por seus apoiadores em meio à pandemia. Segundo sua percepção, Bolsonaro teria sido muito irresponsável e teria dado um exemplo péssimo à população:

Bolsonaro foi incoerente, deveria ter ficado na casa dele, dando exemplo, como que o presidente está fora quando todo o mundo deveria ficar em casa? Bolsonaro age como se estivesse tudo normal e não está, não sei se está sabendo de alguma coisa ou tem um probleminha na cabeça, ele vai, beija, abraça, e não deveria fazer isso, por mais que defenda ele, eu sou 100% Bolsonaro, mas ai falta coerência, ele deveria agir como presidente, não como moleque”. (Mulher, 45, bolsonarista fiel)

Agora, eu fico é decepcionada com Bolsonaro nessas manifestações aí, beijando e abraçando, e esse pessoal que tem dinheiro, que pode ficar em casa, não é como a gente, é que está gritando nas ruas. Não é hora de se manifestar nem de gritar, é hora de silêncio, de ficar em casa. (Mulher, 59, apoiadora crítica)

Já alguns, sobretudo homens, dizem que Bolsonaro faz bem em sair às ruas porque um líder não deve ficar em casa “fa-

zendo home-office”, mas sim estar com a população, “do lado do povo”:

Você acha que seria bacana o nosso governante estar dentro de casa fazendo home-office sem mostrar as caras? Em qualquer tipo de guerra, o rei vai na frente de todo mundo. Vai dar a cara a tapa, o vírus tá no ar, mas ele tem que dar a cara dele a tapa. E segundo o que já foi falado, ele já pegou o COVID, já se recuperou e tem os anticorpos, então vai lá, mete as caras, eu meteria as caras. O que adianta nosso governante ficar dentro de casa, fazendo live, tocando violão e tomando cerveja igual o Gustavo Lima? Tem que pôr a cara na rua! Vai ajudar a população, se for carregar cesta básica na favela, vai carregar, ele é governante, ele tem que pôr essa porra desse país pra frente! (Homem, 32, bolsonarista fiel)

Eu acho que o governante tem que fazer isso mesmo, sair na rua, porque é muito fácil ficar fazendo live em casa e as pessoas precisando das coisas na rua e ele prorrogando quarentena, daqui a pouco acabou o ano e tá todo mundo fodido. (Homem, 31, apoiador crítico)

Um argumento que também aparece por vezes é a “irresponsabilidade do brasileiro” que deveria ter um comportamento cuidadoso, mantendo o distanciamento social, mas que parece despreocupado, se juntando, fazendo churrasco e agindo como se nada acontecesse:

Não dá só para culpar ao Bolsonaro. Eu vejo no meu bairro. A população carente que a gente tanto defende recebeu o auxílio e estava fazendo churrasco, só falta fazer rave! (Mulher, 45, bolsonarista fiel)

Finalmente, no que diz respeito ao atendimento do SUS na pandemia, os entrevistados afirmam que o sistema seria alvo de muita corrupção e já estaria sobrecarregado antes da pandemia:

Agora chegou a hora de ver que os hospitais públicos nunca foram beneficiados do jeito que deveriam ter sido, dinheiro desviado demais, agora lugar nenhum tá preparado, imagina o SUS que tem essa falta de estrutura. (Homem, 32, bolsonarista fiel)

A gente tá numa sequência de ladrões que foram mandando na teta de tudo, do SUS. Eu acreditei que o Bolsonaro entrando agora, ele colocaria ordem na casa e faria com que essas verbas chegassem no SUS. Mas a gente está vindo de um governo corrupto de vinte e tantos anos, não é em um ano que o cara vai fazer o SUS virar da água para o vinho. (Homem, 31, apoiador crítico)

Eu não confio no SUS, ele já é um sistema colapsado há muito tempo, não é o COVID que está fazendo isso com ele. A gente já não tinha vaga de UTI, já não tinha profissional suficiente antes, e agora que tão aumentando os casos o sistema tá se perdendo mais ainda. (Homem, 34, apoiador crítico)

A despeito disso, a maioria defende que é uma conquista da população e que deva continuar sendo público e gratuito, sendo raros os que defendem sua privatização, que, segundo os entrevistados, deixaria os pobres desamparados:

Privatizar não melhoraria nada, pelo contrário os pobres ficariam desamparados. O SUS é uma conquista da população, mas tem que botar recursos, administrar bem. (Mulher, 27, bolsonarista fiel)

Eu não concordo com a privatização. Você vai ter que pagar e aqueles que não têm nem dinheiro para comprar dipirona? É um patrimônio que o menos favorecido tem. (Mulher, 23, apoiadora crítica)

A maior parte das pessoas se sustenta com um salário mínimo, isso não é nada, imagina se você privatizar o único sistema de saúde que, por pior que seja, ainda auxilia esses caras? Eu não concordo com a privatização hoje, sem dar a condição para o trabalhador poder pagar por ele. (Homem, 34, apoiador crítico)

Os que apoiam a privatização o fazem com o argumento de que seria mais eficiente e evitaria desvios de recursos:

Eu concordo com a ideia de privatização, tudo o que é privado funciona melhor, não tem jeito. Privado você tem uma gestão, querendo ou não, você tá visando o lucro, e pra você ter lucro você tem que ter excelência, senão ninguém vai consumir seu serviço, então as coisas funcionam melhor. Pra mim o poder público deveria apenas gerir recurso, não tem que ficar tendo gestão de atividade nenhuma, hoje existem pessoas especializadas em cada coisa, então você tem que deixar quem tem habilidade e aptidão pra gerir cada segmento cuidar daquilo. (Homem, 35, bolsonarista fiel)

A população vai ser bem atendida? Então faz. Porque a gente não pode ver a grana sendo desviada pelo governo, todo mundo vai pegando a fatia do bolo até chegar no hospital, não tem grana, é máfia, a gente sabe o que acontece. Eu acredito que uma privatização com uma negociação bem-feita, com uma coisa que vá atender a população seria viável. (Homem, 32, bolsonarista fiel)

2.3 INFORMAÇÃO

No que diz respeito às formas buscadas pelos entrevistados para obter informações, foi possível verificar que existe uma grande sensação de confusão. Tal sensação é atravessada, por um lado, pela desconfiança nos meios de comunicação tradicionais, muitos dizem não assistir à Globo ou à televisão em geral e, por outro lado, pelo receio de ser enganado por informações falsas ou imprecisas que circulam na internet, sobretudo em redes sociais. Afirmam que é muito difícil conseguir averiguar a veracidade das informações recebidas e que, por vezes, é preciso recorrer a várias fontes diferentes.

Esta dificuldade aparece sobretudo quando se trata das informações acerca da pandemia de COVID-19. Os entrevistados dizem que não sabem realmente a dimensão da pandemia e que, propositalmente, políticos e imprensa criariam confusão, hiper-dimensionariam ou esconderiam números a depender de seu próprio benefício pessoal, o que constitui uma fonte de ansiedade e angústia:

Muito difícil se manter informado com uma notícia de qualidade que seja imparcial. Então, a Globo eu não assisto. Sensacionalista, tem levantado um discurso esquerdista, antibolsonaro e até trazendo informações inverídicas, como, por exemplo, noticiando uma morte de uma pessoa por enfarto e depois à noite a mesma pessoa morreu de coronavírus. Então eu não acredito na Globo. A Folha de São Paulo não é um jornal mais. Já foi, não é mais um jornal confiável. Portal do G1 também não. Então muito difícil ficar informado. Mas eu busco hoje, falando de TV, jornais mais imparciais como a Record e o SBT. CNN já está vendida para a Globo e não ouço mais. E principalmente na internet. (Homem, 32, bolsonarista fiel)

É muito confuso, acho que todos manipulam a informação, não dá para saber nada. A imprensa manipula, aí os políticos também porque fazem politicagem e querer lucrar com a pandemia. (Mulher, 59, apoiadora crítica)

O vírus está sendo transmitido pela rede Globo, uma hora vem do ar, do chão, a gente fica sem saber o que acontece. Bruno Covas não pegou, Bolsonaro não pegou a família dele tampouco, porque a metade pegou a outra metade não. A gente fica perdida. Acho que tudo isso não passa de guerra de poder entre peixe grande, governos, presidentes, a gente que paga. Essa pandemia vai muito além do que a gente sabe. Não dá para entender nada. (Mulher, 23, apoiadora crítica)

Boa parte dos entrevistados acredita que o vírus responsável pela pandemia teria sido criado na China de forma proposital, considerando seu próprio benefício, em detrimento do enfraquecimento das economias de outros países:

Hoje eu não vou falar que sou convicto, mas tenho 90% da certeza que isso foi criado. Na China ficou concentrado em Wuhan, os grandes centros comerciais não foram afetados, é muito estranho, é complicado afirmar hoje, mas eu tenho bastante convicção de que foi. Meu maior receio hoje é vir uma COVID-20, 21, a gente tem que estar preparado, porque eles já viram que funciona. Que a gente vai servir eles eu não tenho dúvida disso, eles tão comprando tudo. (Homem, 45, bolsonarista fiel)

Para mim veio da China e foi algo proposital. Um tio meu pegou, foi questão de poder, estava tudo programado, mandaram esse vírus para criar caos, para se beneficiar por isso. (Mulher, 26, arrependida)

Isso pra mim não veio de um morcego não, foi criado, que nem o gás mostarda, foi criado, o ser humano é capaz disso sim. Quem é que começou a fornecer os equipamentos médicos? Eles lucram muito com isso. Com a morte de alguns eles vão ganhar milhões. É um governo comunista, então eles tão visando o lucro deles. Eu acho que arma biológica existe, quem tá criando tá com a família dele protegida. (Homem, 45, arrependido)

Outra percepção compartilhada frequentemente é a de que o vírus teria se disseminado no Brasil durante o Carnaval e sua comemoração deveria ter sido proibida pelos governadores:

O vírus entrou pelo carnaval, deveria ter cancelado. Se tivessem cancelado tudo isso teria passado, mas a ganância deles é tão grande que não quiseram cancelar, sendo que eles já sabiam desde janeiro. Mas aí não dá para culpar o Bolsonaro, os governadores deveriam ter cancelado (Mulher, 45, bolsonarista fiel)

O vírus veio parar no Brasil somente por causa do carnaval. Porque todo mundo já sabia que havia essa pandemia e deveriam ter cortado os acessos dos voos internacionais, simplesmente isso. Você não quer que o vírus chegue no seu país, você corta o acesso de voos internacionais. Isso foi mais um jogo de dinheiro, porque se você cancela um evento como o carnaval aqui, quanto que você não iria sofrer de perda? Acho que eles deixaram correr a festa para ver o que iria acontecer depois. (Homem, 36, bolsonarista fiel)

Em meio à desconfiança generalizada e a disseminação de narrativas conspiratórias, a Igreja aparece em algumas falas como um local de confiança que, ao contrário do poder público, procura amparar as pessoas. Em meio à pandemia, as igrejas respeitariam as recomendações de isolamento e também estariam se organizando como centros nevrálgicos de apoio material, ao distribuir cestas básicas, e também emocional, dando esperança aos fiéis:

A igreja está respeitando o isolamento, fazendo tudo direitinho, pastores estão fazendo live, para que todos fiquem na residência, só live. Tem bastante igrejas que estão ajudando, indo em bairro, em casa, ajudando com cesta básica, gás, alimentos". (Mulher, 27, bolsonarista fiel)

2.4 BOLSONARO VS. GOVERNADORES/ PREFEITOS

De forma geral, os governadores e prefeitos são criticados pelos entrevistados por fazerem "politicagem" com a pandemia, procurando capitalizar a crise em benefício próprio, sem se importar verdadeiramente com o bem-estar da população. Nesse sentido, muitas críticas são dirigidas a João Dória, governador do Estado de São Paulo do PSDB.

Para os entrevistados, Dória estaria levando a cabo um "isolamento meia boca" em São Paulo, e sua atuação política

visaria apenas as eleições de 2022. Dória é qualificado frequentemente como um político falso, oportunista, marqueteiro, que “fala bonito, mas é apenas fingimento”, justamente o contrário da imagem associada a Bolsonaro, “bruto, mas autêntico”:

Dória só pensa no bolso. Ele está pensando na próxima eleição. Está pensando em ser presidente. Pior governador que já teve. (Homem, 56, bolsonarista fiel)

Ele (Dória) se aliou com o Bolsonaro na safadeza, pra depois meter o pau no cara e lutar contra ele. Eu acho que ele está pensando na eleição da presidência e ele tá querendo limpar a barra dele com esse negócio de quarantena, só que nem isso ele sabe fazer direito. Isso que é o problema. (Homem, 27, bolsonarista fiel)

Dória nem pensar. Ele é traçoeiro, enganador, aproveitador, ele se elegeu como Bolsonaro e hoje massacra Bolsonaro, mostrou que não é confiável. (Mulher, 45, Bolsonarista fiel)

O Dória quer subir no pedestal e aparecer. Nos primeiros dias concordei com ele, depois é muito mimimi. (Homem, 45, apoiador crítico)

Dória, acho nojento, falso, mentiroso e dissimulado. E as propostas dele não fazem sentido nenhum, o que ele fez do rodízio dos carros só atrapalhou. (Mulher, 30, apoiadora crítica)

A gente tem o Bolsonaro lá, beleza, e a gente sabe que ele é um pateta, ele confiou em pessoas que hoje estão deixando ele de lado. Mas a gente não pode tirar a responsabilidade dos governadores, que são os principais vírus que tem na nossa sociedade, que são eles que estão tomando as medidas extremas. (Homem, 35, apoiador crítico)

Acho que o João Dória é um cara oportunista, porque ele teve a oportunidade de breicar o carnaval e não fez isso porque o governo quer ganhar a parte dele, e nem estou defendendo o Bolsonaro, acho que ele está aproveitando fazer um papel de bonzinho pra se candidatar a presidente. (Homem, 41, arrependido)

O prefeito da capital paulista, Bruno Covas, do mesmo partido, também é atacado por estar buscando seu próprio benefício político. Assim, de forma geral, os entrevistados dizem que, na guerra política entre os governadores e Bolsonaro, a população é a principal vítima:

O Covas vem de uma família de políticos, não é assessorado por qualquer um, tudo é político, é governo, porque o governo cobra imposto, multa, ganha em tudo... (Homem, 45, apoiador crítico)

O Bruno Covas é um louco pra fazer um rodízio desses, não rolou, os índices do isolamento ficaram os mesmos. Se eles querem breicar, por que eles não fecham metro,

ônibus e trem? Porque o governo quer ganhar em cima disso. (Homem, 41, arrependido)

2.5 A SAÍDA DE SÉRGIO MORO DO GOVERNO FEDERAL

As percepções sobre a saída de Sérgio Moro, ex-Ministro de Justiça e Segurança Pública do governo federal divide as opiniões dos entrevistados. Existem aqueles, principalmente bolsonaristas fiéis, que acreditam que Moro seria oportunista e carreirista, e que estaria buscando, portanto, apenas seu próprio benefício. Alguns chegam até a afirmar que era um “infiltrado no governo” e sua saída do governo teria sido positiva:

O Moro era como se ele tivesse infiltrado mandando para a mídia. Eu fiquei muito surpresa com o Moro, pensava que era honesto, a gente achava que ele era honesto. Me senti enganada com ele. Foi uma punhalada nas costas. Moro foi oportunista. Eu fiquei na dúvida num primeiro momento com Bolsonaro, mas aí depois a gente foi ver que era correto porque o Moro estava mandando tudo para a rede Globo. O Moro não queria investigar o cara que esfaqueou Bolsonaro, sendo que a Marielle ele investigou. Foi falta de caráter de Moro, fez isso para se eleger”. (Mulher, 27, bolsonarista fiel)

Os caras tão fazendo de tudo pra tirar o Bolsonaro, inclusive essa saída do Moro indica que ele se vendeu sem dó mesmo, ele vai sair como candidato à presidente pra fazer frente pro Bolsonaro. Eu não votaria no Moro. Quando ele saiu eu fiquei bem baqueado, falei “meu, acabou o governo”, mas depois é tudo questão de gestão, você tem que esperar, ver o que vai acontecer, eu vi que ele não é o santo que ele prega, pra mim ele é carta fora do baralho. (Homem, 35, bolsonarista fiel)

O Moro é uma vaca que deu cinquenta litros de leite, só que foi lá e agitou o balde. Ou veste a camisa ou não veste. O Lula trocou também o chefe da PF e ninguém falou nada, por que? Porque ele enfiava dinheiro no cu da Globo, que é a maior empresa de mídia do país, que influencia todo mundo aí. Globolixo. A Globo tá infeliz com o nosso governo? Vai meter o pau no cara, cortar o que o cara tá falando, não vai deixar o cara governar. O Moro não concordou com o que o Bolsonaro tá fazendo? Por que? Não sei. Porque ele quer ser governante daqui a pouco? O Moro fez algumas coisas, prendeu o Lula, condenou, mas eu não confio nele também. (Homem, 32, bolsonarista fiel)

O Moro saiu porque não tava aguentando, não batia com os ideais do Bolsonaro e pronto, não precisa criticar o Moro e nem o Bolsonaro, deixa o cara tocar o barco. Ele escolheu o cara do PF por intenções políticas? Foi e foda-se, tem que ser. Tão fazendo de tudo pra queimar o Bolsonaro. Eu acho que tão fazendo muito alarde pra troca de ministros, acho que não precisava de tudo isso, porque todos os governos teve isso. Acho justo o capi-

tão do navio nomear os caras, simples assim, não vai de acordo com o que o cara pensa? Tira, sai, acabou, coloca outro. Não foi diferente nos outros governos, por que vai pegar no pé do cara agora? Pessoal tá mistificando muito. (Homem, 34, apoiador crítico)

A ideia de que o juiz seria oportunista e carreirista também atravessa a fala daqueles que são menos críticos, porém com menor ênfase, pois tendem a afirmar que Moro seria uma boa pessoa e que teria sido uma figura importante para o país por ter prendido políticos corruptos, especialmente Lula. A despeito disso, não há muito entusiasmo com uma possível candidatura do ex-Ministro à presidência:

Não sou fã do Moro, mas eu acho que ele é uma pessoa de bem. Um usou do outro, tanto o Moro usou do Bolsonaro quanto o Bolsonaro usou do Moro. Mas se você promete algo verbalmente, que ele vai poder escolher a equipe de trabalho, aí você começa a arrancar a galera que faz a investigação da minha mão pra proteger os seus filhos, você não tá interferindo no governo? Mas, ninguém entra em um ninho de cobra sem saber o que tá fazendo. Ele não ia largar 22 anos como juiz federal, com uma vida estável, se ele não tivesse um segundo plano. Quanto a votar nele, eu não sei dizer, mas ninguém cai de gaiato numa rede dessa. Ali acho que o mais bobinho é o povo, o resto são todos espertos. (Homem, 45, apoiador crítico)

Eu gosto do Sérgio Moro, pode ter coisa por trás, pode ter, mas o Sérgio Moro teve um papel fundamental contra a corrupção, colocou na cadeia o maior bandido do país que é o Lula, além de várias outras pessoas. Ele saiu por conta dos filhinhos do papai, porque eles tavam sendo investigados pelo Lava-Toga e aí o Bolsonaro não gostou e ele acabou saindo. Eu fiquei bem chateado, tudo bem, não votei no Moro, votei no Bolsonaro, mas ele faz parte da equipe, ele é tipo um assistente do Jair. Mas acho que se ele se candidatasse ele faria uma grande besteira, porque ele deveria continuar no ramo que ele está. Eu não votaria nele não, não é porque ele colocou o Lula e outros na cadeia que eu vou votar nele, tem que saber separar a parte do ministério e o que ele fez na justiça com ser governante do país. Se essa for a intenção dele, eu acho que vai ser um tiro no pé. (Homem, 41, arrependido)

São raros aqueles que defendem veementemente o juiz e os que o fazem dizem que Moro saiu porque encontrou alguma prova de corrupção dos filhos de Bolsonaro:

Moro e Bolsonaro para mim era a dobradinha perfeita. Moro era um cara super do bem, muito honesto, acho que isso não mudou. A gente tem que ficar muito esperta porque a gente não sabe o que aconteceu. É difícil formar uma opinião. A população nunca vai saber. Acho que teve um pouco de ganância, de estar visando uma candidatura. Eu considero Bolsonaro honesto, mas Bolsonaro está tendo umas condutas meio estranhas, diz e depois fala outra, aí a gente fica na dúvida, te leva

a pensar que talvez tenha alguma coisa estranha”. (Mulher, 59, apoiadora crítica)

O Moro começou a mexer com os filhos e ele simplesmente falou: quer mexer com minha família, sai fora você. Essa não é a ideia que ele passou para a gente que ele teria. Eu me sinto decepcionada porque o Moro estava fazendo um bom trabalho. Eu acredito que Moro preferiu sair antes de jogar tudo no ventilador porque o país está numa situação muito delicada no momento. (Mulher, 26, arrependida)

A identificação com Moro não aparece com força nas entrevistas. Uma hipótese é de que tal identificação seja mais típica entre pessoas de classe média. Os bolsonaristas mais fiéis afirmaram que votariam em Bolsonaro frente a Moro em um possível duelo eleitoral em 2022, mas poderiam votar no ex-juiz caso Bolsonaro não fosse candidato, sobretudo contra o PT. Inclusive, os entrevistados acreditam que a saída de Moro não terá qualquer impacto no julgamento de Lula porque este já foi considerado culpado.

2.6 RENÚNCIA OU IMPEACHMENT DE JAIR BOLSONARO

Para os bolsonaristas fiéis, a renúncia ou impeachment de Bolsonaro é uma opção inexistente, dado que defendem a manutenção do presidente no poder, a não ser que ocorram fatos novos que o afetem negativamente:

Tem que deixar o cara trabalhar, tem que mudar, vai deixar voltar o que era? (Homem, 32, bolsonarista fiel)

Não é o momento de tirar o presidente em meio a uma pandemia dessas. É a última coisa que a gente precisa fazer. Tem que deixar o presidente trabalhar. Várias propostas que ele fez, os deputados, o Maia não está botando em pauta, está deixando caducar. O que a gente tem que fazer é deixar ele trabalhar. (Homem, 36, bolsonarista fiel)

Eu sou totalmente contra. Primeiro porque o resultado que ele obteve em um ano de governo foi muito satisfatório, e somente devido à crise da corona ele foi interrompido de concluir o trabalho, de dar continuidade ao que começou. Então, eu vi bons resultados, não acho que deveria ter impeachment nem renúncia, e não acho que ele renunciaria. (Mulher, 32, bolsonarista fiel)

Renúncia seria covardia. Impeachment não tem motivo. (Homem, 56, bolsonarista fiel)

Não sou a favor não. Ele está fazendo as coisas. Agora quer que faça do dia pra noite? Ninguém resolve o problema de um país inteiro em poucos anos. Ficaram mais de oito anos fazendo merda aí, ele em dois tem que consertar? Ele precisa de mais um pouco de tempo e ele vai resolver tudo. Com o tempo, melhora sim, com ele lá. (Homem, 36, bolsonarista fiel)

Se realmente encontrarem algum problema dele com os filhos, eles vão pagar. Agora se encontrarem um problema dele em relação a isso ele não vai renunciar, ele vai sofrer impeachment porque daí ele tá cometendo um crime. Qualquer um que colocar hoje lá não vai ter força de governança, porque a câmara não aprova nada, a não ser que você entregue cargos e volte com a corrupção. (Homem, 35, bolsonarista fiel)

Entre os apoiadores críticos, esta é uma questão polêmica. Existem aqueles que, apesar das críticas dirigidas ao presidente, são contrários ao impeachment, alegando que não seria o momento porque traria mais instabilidade em um momento já muito delicado para o país e questionando quem ficaria no lugar de Bolsonaro:

A população é muito idiota de pedir o impeachment, o vice dele é o Mourão, se eles não querem uma ditadura, deixa ele (Bolsonaro) trabalhar, o cara tem os quatro aninhos dele lá, deixa ele cumprir. Há um tempo atrás eu concordava com a intervenção militar, e às vezes eu cogito isso ainda, porque o Brasil não passou por uma extrema ditadura... (Homem, 34, apoiador crítico)

A gente aguentou uma presidente falando que era pra estocar vento, então deixa o cara trabalhar. (Homem, 31, apoiador crítico)

Agora não é hora de politicagem. E também quando foi tirado a Dilma, tiraram o ruim para pôr o pior. Acho que Mourão é pior do que ele. (Mulher, 59, apoiadora crítica)

Porém, outros apoiadores críticos ponderaram que a saída de Bolsonaro pode ser necessária caso sejam provados os crimes que teriam sido cometidos por seus filhos, ou mesmo que Bolsonaro, ativamente, agiu para impedir as investigações destes:

Se for comprovado que ele tá fazendo de tudo pra atrapalhar as investigações, sim, que ele saia. Porque ele não está ali pra defender filho, ele está ali pra defender uma nação, e o comportamento dele não está sendo o de defender uma nação. Quando ele assume um cargo de presidente, ele não tem mais quatro filhos e uma esposa, ele tem uma nação, nós somos a família dele. E o Mourão, eu creio que pela postura dele, que ele será um bom presidente sim. Agora, se for provado que o Bolsonaro não fez nada, que é só intriga da oposição, que ele permaneça. (Homem, 45, apoiador crítico)

A renúncia seria bem-vinda se ele não deixar o lado impulsivo dele de lado. Infelizmente, o que eu vejo é um pai preocupado com os filhos e esquecendo do povo. Se for pra ele continuar desse jeito, é melhor que ele saia. Mas eu acredito que ele seja uma boa pessoa, acredito que, de alguma forma, ele possa trazer mudanças para o nosso país, mudanças positivas. Ele virando um chefe da maneira que ele tem que ser, eu acho que ele tem que ficar sim, e concordo que possa

ser um divisor de águas para o nosso país. Agora, se ele ficar com essas patéticas... (Homem, 35, apoiador crítico)

Entre os arrependidos, existe uma diferença de ênfase na defesa da saída de Bolsonaro do poder. Alguns, a despeito de desejarem a renúncia ou impeachment, ponderaram que, se não existirem provas de crime de responsabilidade, não haveria razão para tal, porém, se Sérgio Moro apresentasse tais provas, poderiam mudar de opinião. Além disso, também ponderaram se a saída de Bolsonaro seria o melhor caminho, considerando quem assumiria seu lugar. Inclusive, uma entrevistada disse que no caso do impeachment de Dilma pensava que haveria novas eleições, não sabendo que o vice-presidente assumiria o poder. Assim, no caso do Bolsonaro, pensaria duas vezes em demandar o impeachment:

Eu só não sou a favor por conta do vice, porque eu acho que vai acabar dando na mesma ou sendo até pior, da mesma forma que foi com a Dilma e o Temer. Por isso, eu não sou a favor, mas se fosse pra tirar ele e não fosse o vice dele, se fosse alguém diferente na linha de pensamento, eu seria a favor. (Mulher, 25, arrependida)

Seria bom, mas vai colocar quem lá? Ele tá se juntando a eles e aí o meu medo de virar um Lula. Será que o Mourão tem essa capacidade? Será que vai ter uma outra eleição? Eu sou a favor de tirar porque eu tenho medo da coisa degradingolar mais. Mas é muito difícil essa pergunta, eu sou a favor e não sou. (Homem, 41, arrependido)

Eu sou a favor de retirar ele do poder, porque a vida dos brasileiros é mais importante, mas antes precisaria ter uma melhor avaliação sobre Mourão para ver se ele seria mais apto que ele, porque no caso da Dilma foi pior. (Mulher, 26, arrependida)

A maioria dos arrependidos, contudo, é favorável à saída de Bolsonaro do poder por conta de sua falta de compromisso com a vida dos brasileiros, especialmente durante a pandemia, e uma entrevistada chega até a afirmar que poderia votar no PT pela saída dele:

Eu votava até no PT para tirar a Bolsonaro. (Mulher, 26, arrependida)

Sou a favor da renúncia e do impeachment. (Homem, 46, arrependido)

2.7 PRÓXIMAS ELEIÇÕES

Quando perguntados em quem votariam nas próximas eleições, os bolsonaristas fiéis disseram que votariam no atual presidente novamente, ressaltando sempre que seu voto se deve, sobretudo, à ideia de que Bolsonaro seria diferente dos outros por não ser corrupto e porque desejaria combater a corrupção de fato:

Votaria no Bolsonaro no primeiro turno, no segundo turno e tentaria levar pelo menos mais alguns comigo. (Mulher, 32, bolsonarista fiel)

Mesmo com os pepinos que ele fala, com a salada de fruta que ele (Bolsonaro) fala, mas se ele manter a coerência dele, ele tem meu voto. Ele está determinado a ajudar o país e pegar os corruptos. É isso que o Brasil precisa há anos. O Brasil precisava de saúde, precisava de moradia. Agora, o mais importante na minha visão é derrubar quem está lá em cima, que se não derrubar você pode pôr 3% pra saúde, 5% pra moradia, 3% de mais sei lá o que que não vai adiantar, vai continuar quebrado. Tem que derrubar quem está no poder que está roubando para o Brasil andar, senão não vai andar. (Homem, 27, bolsonarista fiel)

Ele é o único político que não acharam nada dele. Esse tempo todo investigando, é o político mais investigado de todos os tempos e não acharam ainda nada dele. (Homem, 36, bolsonarista fiel)

Eu faria a mesma coisa que fiz nas eleições anteriores, Amoedo 1º turno, se fosse Amoedo e Bolsonaro pro 2º turno Amoedo, mas se fosse só o Bolsonaro para o 2º turno, Bolsonaro, e deixa o homem trabalhar. Do que a gente tá vindo a trocentos anos, pra mim tá bom. Não tem muito o que fazer, o que mudar em pouco tempo, não é 50 anos em 5. (Homem, 32, bolsonarista fiel)

Eu sempre gostei do Luciano Huck, mas não votaria nele, acho que ele não é um cara pra isso. Por enquanto eu continuo com o Bolsonaro até o final, até que ele sofra um impeachment ou aconteça alguma coisa, do contrário tudo o que se tem são especulações, boatos, então eu continuo com ele até o final. Contra o PT qualquer coisa... qualquer coisa não, eu sou mais pra direita, não votaria no PSOL, se fosse PT e PSOL eu iria anular meu voto, vender minha casa e sumir daqui. (Homem, 35, bolsonarista fiel)

A maioria dos apoiadores críticos, apesar de ventilarem possíveis opções, afirmam que, a despeito das críticas, ainda considerariam Bolsonaro como opção, principalmente considerando como adversário o PT, com exceção de um dos entrevistados:

Hoje eu votaria no Bolsonaro de novo, a esperança é deixar ele trabalhar e que as coisas deem certo, mas a gente torce pra que venham outras pessoas com ideias melhores futuramente. Eu, por mais que defendi ele aí, to em cima do muro, até porque veio o COVID e acho que isso atrapalhou bastante o governo dele, mas tenho esperança que melhore. (Homem, 31, apoiador crítico)

Eu gosto de pesquisar o novo. Hoje eu gosto muito do Cristóvão Buarque, mas não acredito que vou ver ele numa eleição. Hoje se tiver entre o Bolsonaro e outro, o outro tem que ser muito bom pra eu não escolher o

Bolsonaro. O Joaquim Barbosa, o Cristóvão Buarque e até o Meirelles, eu escolheria ao invés do Bolsonaro. O PT já era. (Homem, 35, apoiador crítico)

Eu votaria no primeiro turno na Marina. Eu já votei nela uma vez e acredito nas coisas que ela diz. Mas entre o PT e o Bolsonaro, eu votaria no Bolsonaro novamente. No Dória de jeito nenhum, acho nojento, falso, mentiroso e dissimulado. E as propostas dele não fazem sentido nenhum, o que ele fez do rodízio dos carros só atrapalhou. Minha primeira opção seria a Marina, se não tivesse ela ou se fosse contra o PT, eu votaria no Bolsonaro. Mas votaria no Moro contra o Bolsonaro. (Mulher, 30, apoiadora crítica)

Estão tentando arrancar o Bolsonaro de lá e não deixam ele trabalhar, concordo em largar ele lá e votar nele de novo só pra esses infelizes ateam fogo no próprio corpo. Acho que tem que deixar espaço pro cara trabalhar, a pressão é muito grande pra ele abandonar o cargo, a única coisa que tá sendo um boçal é nas entrevistas dele, tentando amenizar a doença, parece o tiozão da Sukita, do churrasco, tem que deixar esse tiozão dentro de casa e passar a agir como presidente. (Homem, 34, apoiador crítico)

Dória não dá. Witzel tá sendo um guerreiro, mas acho que ele tem uns parafusos meio soltos. Os governadores do Paraná e Rio Grande do Sul pode ser. Luciano Huck nunca. Eu não sou a favor de partido nenhum, o que me importa é a índole da pessoa, independente do partido, se ele tem um projeto digno, honesto. O PT errou, votei nele, depois me arrependi, me arrependi agora com o Bolsonaro, porque são pequenas pedrinhas que as pessoas não querem tirar, querem tropeçar nelas. Então se vier uma pessoa de pulso firme, decente e honesta, eu votaria sim. (Homem, 45, apoiador crítico)

O antipetismo também reaparece entre os arrependidos, dividindo-os. Alguns consideram a possibilidade de votar no PT novamente e outros a descartam de pronto:

Eu votaria no Daciolo, o glória Deus. Não votaria no Bolsonaro de novo. Votaria no Daciolo. Entre o PT e um de direita, votaria em um de direita, mas no Bolsonaro não. (Mulher, 25, arrependida)

Se fosse agora ninguém e na próxima piorou, não sei, tô meio perdido mesmo, eu coloquei todas as fichas no Jair e me decepcionei, não tenho outra pessoa que eu possa pensar em colocar no lugar dele. Se fosse o Bolsonaro e o PT eu votaria no Bolsonaro, eu sou antipetista, PT não dá mais. (Homem, 41, arrependido)

Votaria no Moro. E não é confiança, pra votar em alguém não votaria no Bolsonaro. Votaria no Ciro. Se eu soubesse que seria assim, teria votado nele. Até no PT. (Homem, 46, arrependido)

CONCLUSÕES

Um primeiro ponto a destacar, considerando as entrevistas realizadas, é o de que a grande maioria dos entrevistados não concorda com o argumento de que a pandemia de COVID-19 seria apenas uma “gripezinha”. Especialmente aqueles que conhecem pessoas próximas, que estão infectadas ou faleceram em decorrência do vírus, afirmam terem medo de que a doença possa atingir familiares, amigos e a si próprios. Em paralelo ao medo pela doença, aparece nas falas de forma recorrente o medo do desemprego, da piora da economia e da pauperização. Muitos entrevistados reconhecem que gostariam de ficar isolados, mas essa opção é inviável economicamente porque “os boletos continuam chegando”. A equação econômica/saúde parece não ter solução para a maioria dos entrevistados, dado que não conseguem avançar para além deste aparente paradoxo.

O sentimento de parte significativa dos entrevistados é de abandono e desamparo diante da crise sanitária, ainda que os fiéis continuem a depositar suas esperanças em Bolsonaro e afirmem que a fonte principal dos problemas são os obstáculos colocados pela mídia e pelo Congresso ao governo federal, impedindo “o homem de trabalhar”. Já entre os apoiadores críticos e os arrependidos, é frequente a crítica ao comportamento irresponsável e desumano de Bolsonaro durante a pandemia, apoiando as manifestações, contrariando medidas de isolamento e debochando daqueles que morreram, crítica esta que aparece com maior força entre as mulheres. A falta de humanidade de Bolsonaro frente à pandemia é o argumento que aparece com mais força quando os críticos e arrependidos mostram sua decepção com o presidente, o deboche com os mortos demonstraria falta de caráter, para a qual não haveria desculpas.

Afirma-se, em geral, que há muita confusão, a qual é agravada pela desinformação em massa e a desconfiança existente tanto em relação às mídias tradicionais como às informações que trafegam nas redes sociais. A sensação de “não saber o que está acontecendo” é frequente entre os entrevistados, bem como a dificuldade de encontrar respostas para o que é percebido por todos como um impasse entre a adoção de medidas de isolamento para a preservação de vidas e a preservação da economia, ainda mais considerando a total desconfiança na maioria dos políticos e na imprensa, o que aumenta a angústia a maioria dos entrevistados. Por um lado, há uma enorme suspeita em relação ao que é percebido como uma “politicagem” geral para capitalizar politicamente a pandemia, mas por outro se defende

um maior papel do Estado para administrar as consequências da mesma, dado que a maioria dos entrevistados defendem a ajuda emergencial de 600 reais e reivindicam o papel central do SUS no combate ao vírus.

Outro tema que foi praticamente unânime foi a avaliação negativa dos filhos do presidente como elemento de instabilidade e caos. As suspeitas de corrupção a eles relacionadas constitui um argumento que aparece em todas as entrevistas, além de figurarem como um dos principais motivos que justificariam a saída de Bolsonaro do poder, caso ficasse provado que este interferiu nas investigações para protegê-los.

Em resumo, podemos dizer que o principal fator para o enfraquecimento do bolsonarismo é seu comportamento frente a pandemia, percebido pela maior parte dos entrevistados como denotando falta de caráter e humanidade. Em segundo lugar, aparecem as suspeitas de corrupção e o comportamento inapropriado dos filhos, os quais poderiam estar sendo acobertados pelo pai. A saída de Sérgio Moro do governo, porém, não foi um fator de abalo para o bolsonarismo, e são raros os entrevistados que defendem de forma enfática a posição assumida pelo juiz após ter deixado o governo e/ou que afirmam que o escolheriam como candidato nas próximas eleições.

Assim, embora existam argumentos fortes que apontam para o desgaste do bolsonarismo, o apoio da maioria de seus eleitores persiste. O militar aparece como uma alternativa viável para as próximas eleições não apenas entre bolsonaristas fiéis, mas também entre boa parte dos apoiadores críticos, os quais, ainda que estejam frustrados com as atitudes do presidente, diante da falta de possibilidades melhores, cogitam seu nome para a presidência, especialmente contra o PT. O antipetismo ainda é bastante forte entre os entrevistados, sobretudo considerando que parte deles são antigos eleitores do partido, de modo que a agremiação aparece como uma opção futura apenas para alguns entrevistados. De qualquer forma, o que chama a atenção entre aqueles que são críticos ou se arrependeram do voto em Bolsonaro é o sentimento generalizado de frustração e de desamparo frente as opções políticas existentes no país hoje, assim, se em 2018 o voto em Bolsonaro representava mudança e esperança, nas próximas eleições, caso seja escolhido novamente, provavelmente será “por falta de uma alternativa melhor”.

Tabela 1
Perfil dos entrevistados

Entrevistados	Idade	Ocupação	Escolaridade	Cor	Religião	Eleições 2018 1º turno	Eleições 2018 2º turno	Jair Bolsonaro deve deixar de ser presidente?	Renda per capita (R\$)	Renda familiar (R\$)
Homem	36	Vigilante	Médio Completo	Branco	Evangélico	Jair Bolsonaro	Jair Bolsonaro	Não	1.500,00	3.000,00
Homem	27	Atendente de gráfica	Médio Incompleto	Preto	Cristã não praticante	Jair Bolsonaro	Jair Bolsonaro	Sim	750,00	1.750,00
Homem	56	Aposentado	Superior Completo	Branco	Ateu	Jair Bolsonaro	Jair Bolsonaro	Não	2.000,00	3.000,00
Homem	32	Produção de eventos	Curso Técnico (Protético)	Branco	Católico	João Amoêdo	Jair Bolsonaro	Não	600,00	600,00
Homem	34	Tatuador	Superior Incompleto	Branco	Umbadista	Jair Bolsonaro	Jair Bolsonaro	Sim	1.400,00	4.500,00
Homem	31	Produtor de eventos	Médio Completo	Branco	Católico	Jair Bolsonaro	Jair Bolsonaro	Não sabe	1.500,00	3.500,00
Mulher	27	Atendente de emergência (PM)	Superior Completo	Parda	Evangélica	Jair Bolsonaro	Jair Bolsonaro	Não	1.700,00	5.000,00
Mulher	52	Cuidadora de idosos	Médio Completo	Parda	Evangélica	Jair Bolsonaro	Jair Bolsonaro	Não sei	1.500,00	4.500,00
Mulher	23	Manicure	Médio Completo	Parda	Cristã	Jair Bolsonaro	Jair Bolsonaro	Sim	1.500,00	3.000,00
Mulher	40	Auxiliar administrativo	Superior Completo	Branca	Judaica	Jair Bolsonaro	Jair Bolsonaro	Não	1.200,00	4.000,00
Mulher	28	Assistente administrativo	Superior Completo	Branca	Católica	Jair Bolsonaro	Jair Bolsonaro	Sim	1.932,00	1.932,00
Mulher	37	Fonoaudióloga	Superior Completo	Branca	Católica	Jair Bolsonaro	Jair Bolsonaro	Não	1.500,00	5.000,00
Homem	36	Monitor de recreação	Médio Completo	Pardo	Umbadista	Jair Bolsonaro	Jair Bolsonaro	Não	1.000,00	2.000,00
Homem	46	Encarregado de vendas	Médio Completo	Preto	Umbadista	Jair Bolsonaro	Jair Bolsonaro	Sim	2.500,00	2.500,00
Homem	35	Promotor de eventos	Médio Completo	Branco	Cristão praticante	Henrique Meirelles	Jair Bolsonaro	Não sei	1.000,00	1.000,00
Mulher	36	Estagiária rh	Cursando Superior	Branca	Espírita praticante	Jair Bolsonaro	Jair Bolsonaro	Não	2.000,00	5.000,00
Mulher	50	Securitária	Superior Completo	Branca	Católica	Jair Bolsonaro	Jair Bolsonaro	Sim	2.000,00	5.000,00
Mulher	36	Professora	Superior Completo	Branca	Católica	Jair Bolsonaro	Jair Bolsonaro	Não sei	2.200,00	2.200,00
Homem	35	Empresário	Superior Completo	Branco	Judeu	Jair Bolsonaro	Jair Bolsonaro	Não	2.000,00	5.000,00
Homem	41	Entregador e DJ de eventos	Superior Completo	Branco	Católico	Jair Bolsonaro	Jair Bolsonaro	Sim	3.000,00	4.000,00
Homem	45	Caminhoneiro	Superior Incompleto	Branco	Cristão	Jair Bolsonaro	Jair Bolsonaro	Sim	3.000,00	5.000,00
Mulher	30	Autônoma	Superior Completo	Branca	Evangélica praticante da Igreja Batista	Jair Bolsonaro	Jair Bolsonaro	Não	500,00	1.000,00
Mulher	25	Suporte técnico	Superior Completo	Branca	Evangélica praticante da Igreja Adoração e Restauração	Jair Bolsonaro	Jair Bolsonaro	Não	2.400,00	2.400,00
Mulher	32	Esteticista	Superior Completo	Branca	Evangélica praticante da Igreja Bola de Neve	Jair Bolsonaro	Jair Bolsonaro	Não	3.000,00	5.000,00
Mulher	45	Assistente financeiro	Superior Incompleto	Parda	Umbandista, praticante	Jair Bolsonaro	Jair Bolsonaro	Não	2.600,00	2.600,00
Mulher	59	Do lar	Ensino Técnico	Parda	Espiritualista não praticante	Geraldo Alckimin	Jair Bolsonaro	Sim	900,00	900,00
Mulher	26	Professora	Superior Completo	Parda	Umbanda praticante	Jair Bolsonaro	Jair Bolsonaro	Sim	2.000,00	2.000,00

AUTORAS

Camila Rocha é cientista política e pesquisadora do CEBRAP

Esther Solano é socióloga e professora da UNIFESP

FICHA TÉCNICA

Friedrich-Ebert-Stiftung (FES) Brasil
Av. Paulista, 2001 - 13º andar, conj. 1313
01311-931 • São Paulo • SP • Brasil

Responsáveis:

Christoph Heuser, Representante, FES-Brasil

Gonzalo Berrón, Diretor de Projetos

www.fes-brasil.org

Contato:

fesbrasil@fes.org.br

São Paulo, 4 de Junho de 2020

O uso comercial de material publicado pela Friedrich-Ebert-Stiftung não é permitido sem a autorização por escrito.

BOLSONARISMO EM CRISE?



Em mais uma pesquisa de caráter qualitativo com eleitores de Jair Bolsonaro de renda média (faixas C e D de rendimentos) e residentes na Região Metropolitana de São Paulo, que foi levada a cabo entre os dias 9 e 18 de maio de 2020, Esther Solano e Camila Rocha mapearam as principais narrativas relacionadas às diferentes avaliações do presidente Jair Bolsonaro e constataram que:



Narrativas bolsonaristas sobre o Coronavírus: a ideia da COVID-19 ser uma “gripezinha” não convence nem mesmo os bolsonaristas mais fiéis. Os entrevistados têm medo da doença, mas têm igualmente medo do desemprego. A dicotomia bolsonarista saúde/economia venceu em termos retóricos. As pessoas gostariam de manter o isolamento, mas pensam que este é inviável para o pobre. Os entrevistados não conseguem avançar em argumentos para além desta equação sem aparente solução, que seria salvar vidas ou salvar a economia.



Os votantes de Bolsonaro que hoje se dizem arrependidos argumentam três questões principais: 1) a irresponsabilidade de Bolsonaro com a população na pandemia e sua desumanidade debochando dos mortos, 2) seu estilo agressivo e provocativo de governar que cria caos e instabilidade, 3) sua conduta perante seus filhos, considerados inexperientes, insensatos e possivelmente corruptos. Porém, os ex-votantes, desiludidos e frustrados, dizem que poderiam votar em Bolsonaro de novo em 2022. Desta vez, não por esperança ou desejo de mudança, como afirmam ter feito em 2018, senão por não enxergar nenhuma alternativa política ou eleitoral.

Para mais informações sobre o tema, acesse:
www.fes-brasil.org